**Segunda feira da 1ª semana do Advento**

“Naquele tempo, quando Jesus entrou em Cafarnaum, um oficial romano aproximou-se dele, suplicando: ‘Senhor, o meu empregado está de cama, lá em casa, sofrendo terrivelmente com uma paralisia’. Jesus respondeu: ‘Vou curá-lo’. O oficial disse: ‘Senhor, eu não sou digno de que entres em minha casa. Dize uma só palavra e o meu empregado ficará curado. Pois eu também sou subordinado e tenho soldados debaixo de minhas ordens. E digo a um: ‘Vai!’, e ele vai; e a outro: ‘Vem!’, e ele vem; e digo ao meu escravo: ‘Faze isto!’, e ele faz” (Mateus 8,5-9).

O centurião romano, é um pagão, não pertencia ao povo de Israel, além disso era considerado um opressor, chefe de uma legião de soldados romanos. Os judeus também podiam alistar-se, mas não podiam avançar na carreira militar. Este centurião tinha o seu servo doente. É mais provável que era o seu filho, o que explicaria melhor a sua insistência. Assim esta cena seria semelhante à versão do Evangelho de João (4,46ss). Lucas usa a palavra «escravo» porque é sua intenção falar da misericórdia de Jesus para com os mais pobres.

O centurião sentia-se totalmente inadequado: não era judeu, era um oficial do odiado exército de ocupação. Mas a preocupação pelo servo fá-lo ousar, e diz: «Senhor... eu não sou digno que entres debaixo do meu teto, mas diz uma só palavra e o meu servo será curado» (v. 8). É a frase que também repetimos em todas as liturgias eucarísticas.

Ele é chefe, dá ordens e os soldados lhe obedecem, mas reconhece que a sua autoridade é nula perante à autoridade divina de Jesus: «diz só uma palavra e o meu servo ficará curado». Ele apresenta-se a Jesus, como um pai que está preocupado para com o seu filho doente. Confia em Jesus. O único pedido é: «diz só uma palavra, e meu servo ficará curado».

Jesus respondeu-lhe: «eu irei curá-lo». Jesus acolheu o seu pedido, mas o centurião respondeu que não era digno de o receber. Os pagãos eram considerados impuros. Jesus exalta a confiança no poder de Deus, uma confiança que se abandona à vontade de Deus. Desta forma, Ele reconhece a autoridade divina de Jesus.

A fé não pede sinais, exprime a confiança de que Deus, que nos ama, não deixará de nos escutar os nossos pedidos e fará o que é justo para nós. Por isso, hoje, vamos apreender com esse oficial romano que tinha uma consciência muito clara a respeito de autoridade e submissão. De saber quando ele precisava se colocar debaixo da vontade do Senhor para colher aquilo que Este queria dar. Peçamos ao Senhor essa graça, neste tempo do Advento, de exercitarmos o nosso coração na submissão à vontade de Deus.

Dialogar com Deus é uma graça: não somos dignos dela, não temos o direito de a reivindicar, “coxeamos” com cada palavra e pensamento... Mas Jesus é a porta que nos abre para este diálogo com Deus.